

Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan: a busca pela autonomia

Tainá Dias de Castro¹
Natália Fontes de Oliveira²

Resumo

Esta pesquisa analisa as obras *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf e *As Horas* de Michael Cunningham, visando o estudo da autonomia nas personagens Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan, para investigar como estas protagonistas moldam suas subjetividades através de uma análise do contexto sócio-histórico e cultural de cada uma. Entendendo que o tempo é um personagem marcantes na trajetória das personagens, é necessário compreender como este age na vida destas mulheres, identificando suas relações com espaços público e privados, discriminando o lugar da moralidade em suas vidas e como a sexualidade é um traço fundamental nas suas identidades. Como metodologia para este estudo utilizamos um arcabouço teórico pautado no estudo da crítica literária feminista e estudos de gênero, tais como Woolf (2014); Birolli (2013) e De Lauretis (2019), bem como os estudos de literatura comparada e literatura de expressão inglesa de obras literárias de diferentes épocas e com características semelhantes, assim como os objetos de estudo desta pesquisa. Assim, pretende-se realizar, para além de uma comparação entre as ambas as personagens, uma análise de contexto e como estes possuem influência sobre as personagens, principalmente no que diz respeito a autonomia feminina e como as conquistas obtidas por ambas as personagens são diretamente ligadas as suas escolhas e delineamentos da vida.

Palavras-chave: Michael Cunningham; Virgínia Woolf; *As Horas*; *Mrs Dalloway*; Autonomia feminina; Subjetividades

Introdução

Publicadas com cerca setenta anos de diferença, uma em 1925 e a outra em 1998, as obras *Mrs Dalloway* e *As Horas* são constantemente comparadas por apresentarem semelhanças narrativas, uma vez que a última é uma remontagem da primeira. Mesmo com estas coincidências narrativas o que nos chama atenção é a forma como a construção de

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa, bolsista da CAPES, (taina.castro@ufv.br)

² Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa; Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma universidade. (natalia.fontes@ufv.br)

ambas as personagens Clarissas³ se dá ao longo das obras, isto porque seus contextos sócio-históricos e culturais as impactam de maneiras divergente e convergente concomitantemente. Neste trabalho, foram analisadas as subjetividades de duas mulheres que se encontram em contextos sociais distintos, mas que possuem a mesma base de conflitos que determinam suas autonomias ao longo de sua vida. Partindo de um evento chave em comum, a festa que ambas planejam no dia relatado nas obras, podemos analisar como estas distinções impactam as personagens dentro de suas devidas esferas narrativas.

Desenvolvimento

Mrs Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores. (WOOLF, p. 9, 2014)

Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste gênero), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada prometendo voltar dentro de meia hora. (CUNNINGHAM, p. 9, 1998)

Esta frase que abre a história escrita por Woolf e é reproduzida por Cunningham ao nos apresentar Mrs Vaughan, nos explicita como esta pequena ação diária molda as atitudes que serão narradas por ambas Clarissas ao longo do dia. “As situações cotidianas enfrentadas por essas personagens são aparentemente simples, mas são motivos para a revelação de questões sérias, subjacentes ao cotidiano ‘banal’, apresentado ao leitor”. (SILVA, p. 169, 2007). Desta forma, o tempo é um dos aliados destas mulheres, uma vez que nos mostram como ações reproduzidas ao longo de um dia refletem em decisões e momentos que determinam traços de suas personalidades e que as ajudaram a moldar suas subjetividades bem como suas autonomias.

No caso de Mrs Dalloway, isto significa que ela teria uma independência que a permitiria fazer algo que ela mesma queria, o que vai contra todas as ações que tomaria em sua

vida até o presente momento de narração, uma vez que na década de 1920 a chamada primeira onda do feminismo⁴ estava se formando na Europa. “Os anos vinte representam a luta de Woolf contra modelos e as formas repetitivas, e a procura da personificação da liberdade subjetiva através de ícones visuais, aprisionando-os na linguagem da narrativa”. (DUARTE, p. 144, 2006). Por ser pioneira na escrita de romances de fluxo de pensamento, Woolf apresenta personagens que vivem não apenas de acordo com as normas sociais

³ Nome das personagens aqui analisadas

⁴ Períodos históricos que se referem à militância do movimento feminista nos campos literário, cultural e político

vigentes, mas que apresentam personalidades que entram em choque com o que é regido pelo patriarcado, mostrando, assim, que as mulheres estavam ganhando mais espaço de fala, bem como direito de escolher o que melhor se encaixava em suas condições.

Ainda sobre os trechos aqui postos, a leitura possível para a passagem da obra de Cunningham, propõe que a decisão tomada por Mrs Vaughan serve como um refúgio para organizar seus pensamentos devido aos diversos empecilhos que sua vida vem enfrentando, mesmo sendo uma mulher que vive na década de 1990 ainda enfrenta diversas questões que a fazem refletir sobre como moldou sua vida ao longo dos anos. Vale ainda mencionar que *As Horas* é escrita por um homem, que se utilizou do cenário criado por Woolf para criar uma versão “atualizada” de sua personagem. Isto posto, a estudiosa Theresa DeLauretis, em sua obra *Tecnologias de Gênero*, ao tratar o gênero como o real e não apenas o efeito da representação, nos expõe a afirmação de que trabalhos escritos por homens sobre mulheres e o feminismo, não apoiam ou valorizam o projeto feminista em si dentro da academia, fazendo apenas pequenas menções ou trabalhos ocasionais. A autora argumenta que apenas negando a diferença sexual como componentes da subjetividade em mulheres reais é que os filósofos podem ver nas mulheres o futuro da humanidade. “Esse tipo de desconstrução do sujeito é efetivamente maneira de reter as mulheres na feminilidade (Mulher) e de reposicionar a subjetividade feminina dentro do sujeito masculino, seja lá como for definido” (de Lauretis, p. 236, 2019). Isso vale para a construção da personagem de Cunningham, uma vez que Clarissa é descrita como uma mulher forte, mas quando se encontra mediante homens é descrita como frágil como pode-se perceber na seguinte passagem:

Dos três – Louis, Richard e Clarissa –, ela foi sempre a mais dura de coração e também a mais propensa para o romance. Suportou provocações e piadas a esse respeito durante mais de trinta anos e há muito tempo que decidiu ceder e saborear as suas próprias voluptuosas e indisciplinadas reações, que, como Richard dizia, têm tendência para ser tão insensíveis e adoráveis como as de uma criança precoce particularmente irritante. (CUNNINGHAM, p. 10, 1998)

A análise deste trecho demonstra que a imagem de uma mulher, frente a escrita de um homem, se difere no que diz respeito a pequenos gestos que são utilizados pelo sexo feminino para criar um cenário seguro no qual sua autonomia não seja restringida. Mrs Vaughan é descrita como sendo ao mesmo tempo dura e romântica, sofrendo com comentários e ironias por esse traço de sua personalidade. Entretanto, por ser uma mulher independente em vários aspectos de sua vida, sendo o financeiro um deles, a personagem decide não mais se limitar e

expressar o sente de forma a não esconder seus sentimentos. Esta restrição de comportamento, também aparece na obra de Woolf como uma crítica, visto que Mrs Dalloway é anulada pelo círculo social em que se encontra, uma vez que este privilegia os homens com os quais convive. Ao ser esquecida por Lady Bruton, que convida apenas a seu marido Richard Dalloway, para um almoço, a protagonista da obra se sente abalada e insegura com relação ao seu papel na conjuntura social de sua família e amigos.

– Não temas mais – disse Clarissa [a empregada Lucy]. Não temas mais o calor do sol; pois o choque de Lady Bruton convidando Richard para almoçar sem ela fez estremecer o momento em que tinha se detido, como uma planta no leito do rio quando sente o choque de um remo ao passar e estremece: assim ela se abalou: assim ela estremeceu. (WOOLF, p. 21, 2014)

Analisando a passagem, percebemos a necessidade de demonstrar que tudo está bem, ao se dirigir às pessoas, no caso de Mrs Dalloway à sua empregada, mas suas inseguranças a tomam novamente quando ao se recolher a seus pensamentos, visto que estes se ligam a necessidade de ser sempre o sujeito feminino ideal, aquele que não comente erros e que condiz com os ditames da sociedade. Assim, Woolf faz emergir a necessidade de um espaço para esta mulher, no qual ela se sinta segura para ser quem realmente gostaria de ser, o que também é apontado pela autora em uma palestra ministrada em 1928 denominada *Um Teto Todo Seu*: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.” (WOOLF, p. 12, 2014), utilizando a ideia de um espaço próprio para escrever, este trecho se estende a situação de Clarissa Dalloway, pois o único espaço no qual a narradora pode ser quem quiser, de maneira verdadeira, é seu quarto, seu espaço íntimo, no qual descreve seus desejos e pensamentos mais íntimos.

Trazendo à baila a intimidade e os pensamentos propostos pelas personagens aqui analisadas, temos um personagem subjetivo, presente em ambas as histórias: o tempo. Não apenas o tempo cronológico, ou o tempo do relógio, mas o tempo psicológico também, levando-se em consideração as especificidades da escrita de Woolf como aponta Jane Goldman (2006) ao mencionar que “durante a escrita, Woolf concebeu seu método como um 'processo de escavação de túneis', por meio do qual ela 'escava belas cavernas atrás de seus personagens' com a ideia de que 'as cavernas se conectarão, e cada uma virá à luz do dia no momento presente'” (p. 54). Esta forma de conectar ideias possibilita a autora a mostrar ao seu público uma série de eventos ocorridos ao longo do dia, ou em dias distintos, os quais são

lidos como transições entre si. A respeito destas transições e do tempo nestas obras, Andiará Petterle (2005) menciona que:

Tanto *As Horas* quanto *Mrs Dalloway* são histórias que não só jogam com o tempo, mas que falam sobre ele. E o tempo não é qualquer coisa. É uma das grandes questões da contemporaneidade e, quiçá, de todas as épocas; daquelas que fazem titubear até os mais doutos. (PETTERLE, p. 2, 2005)

Isto posto, um dos pontos diferenciais das obras analisadas é o fato de ambas se passarem em apenas um dia na vida das personagens. Acompanhamos duas mulheres em duas cidades grandes, Londres e Nova Iorque, e em duas décadas distintas, 1920 e 1990. Contudo, mesmo o tempo cronológico sendo de apenas um dia, o leitor tem a impressão de passar muito mais tempo com as personagens, uma vez que ambas falam de seus passados e seus desejos repreendidos pela época nas quais se encontravam.

Muito melhor se fosse uma daquelas pessoas como Richard que faziam coisas pelas próprias coisas, enquanto ela, pensou esperando para atravessar, metade do tempo fazia as coisas não pura e simplesmente, não por elas mesmas, mas para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; idiotice total sabia ela (e então o guarda de trânsito ergueu a mão) pois nunca ninguém notava nem por um instante. (WOOLF, p. 10, 2014)

Ela sabe que um poeta como Richard percorreria rigorosamente esta manhã corrigindo-a, ignorando de igual modo fealdade casual e beleza casual, procurando a verdade econômica e histórica atrás destas velhas casas de tijolo urbanas, das austeras complexidades de pedra da igreja episcopal e do homem magro, de meia idade que passeia com seu terrierjack Russell (tornam-se de súbito onipresentes ao longo da Fifth Avenue estes pequenos cães truculentos de pernas cambaias), enquanto ela, Clarissa, se limita a fruir sem precisar de uma razão as casas, a igreja, o homem e o cão. (CUNNINGHAM, p. 10, 1998)

Estas descrições de cada local visto ou de cada ação realizada, propõe que as personagens vivem uma vida na qual cada passo é pensado minuciosamente de modo a não sofrerem críticas e permanecerem na posição de mulheres ideais, desta forma, ambas as personagens mantêm casamentos que são alvo de frustrações e inseguranças. Mesmo com todas as “revoluções” já ocorridas, Mrs Vaughan ainda passa por angústias comprovando que o contexto continua ditando regras na vida das mulheres. Mrs Dalloway é frustrada por não poder viver sua paixão por Sally, sua amiga e amor de juventude.

Sally parou; colheu uma flor; deu-lhe um beijo na boca. O mundo inteiro podia virar de ponta-cabeça! Os outros desapareceram; ali estava ela sozinha com Sally. E sentiu que ganhara um presente, embrulhado, com a recomendação de guardá-lo assim, sem

olhar o que era – um diamante, algo infinitamente precioso, embrulhado, que, enquanto caminhavam (de cá para lá, de lá para cá), ela abriu, ou o brilho se irradiou, a revelação, o sentimento religioso! (WOOLF, p. 24, 2014)

Em contrapartida, na Nova Iorque do final dos anos 1990, Mrs Vaughan encontra-se em um relacionamento sério com sua parceira Sally, mas não é capaz de esquecer sua paixão por Richard, o qual assume sua homossexualidade após um verão passado com Clarissa e Louis:

Aqui, aqui mesmo, nesta esquina, estivera parada com Richard quando ele tinha 19 anos, quando Richard era um rapaz não muito bonito, de feições firmes, olhos duros, cabelo escuro e um pescoço muito pálido e incrivelmente longo e gracioso -, aqui mesmo tinham discutido... a respeito de quê? Um beijo? Richard beijara-a, ou ela, Clarissa, convencera-se apenas de que ele ia beijá-la e esquivara-se. (CUNNINGHAM, p. 31, 1998)

Em busca de manter sua estabilidade e posição social, Clarissa Dalloway prefere casar-se com Richard, um jovem promissor de uma família tradicional e prestes a se tornar advogado, do que enfrentar a sociedade londrina e viver sua paixão com sua amiga Sally, pois se fizesse isto perderia a imagem de uma mulher que atende aos requisitos das boas maneiras femininas, o que a priva de ser a própria ditadora das regras que sua vida deveria seguir. Setenta anos após a decisão de Mrs Dalloway, encontramos Clarissa Vaughan em Nova Iorque que prefere estabelecer-se com sua parceira Sally, pois esta já demonstrava sentimentos reais por Clarissa, ao invés de declarar seu amor por Richard, uma vez que este já havia demonstrado sua predileção por Louis, Clarissa Vaughan, para não abalar a imagem de mulher decidida demonstrando sua insegurança, opta por manter apenas a amizade com Richard.

A tentativa de manterem-se sempre em boa conta com as pessoas ao seu redor é, também, um traço da falta de autonomia em suas escolhas, visto que este ideal é definido com base em escolhas feitas. Tendo em mente este conceito, a cientista política Flávia Biroli (2013) define autonomia como:

Uma das questões que se colocam quando esse ideal é mobilizado é a fronteira entre o que está dentro dos limites da individualidade e diz respeito à vontade e ao arbítrio individuais, devendo ser assim garantido e respeitado para que se preserve a integridade dos indivíduos, e o que é a eles imposto ou, ainda, o que é feito da ausência de alternativas e/ou da impossibilidade de refletir suas escolhas. (BIROLI, 2013) (ebook)

Ao basearem suas escolhas não apenas no sentem, mas principalmente nos contextos sócio-históricos e culturais nos quais estão inseridas, as personagens passam a moldar uma

autonomia pautada em pequenas ações que lhes dão a falsa sensação de liberdade para agirem como bem querem, podemos citar como exemplos o fato de irem comprar as flores ou a organização e realização de uma festa para amigos e familiares. Desta forma, Mrs Dalloway e Mrs Vaughan nos permitem uma comparação não apenas em relação a suas ações, mas a forma de pensar e idealizar uma vida na qual não se arrependem de nenhuma escolha feita.

O relacionamento com os eventos que poderiam ter acontecido, mas que não aconteceram por determinações de contextos, impede as personagens de determinarem suas escolhas de maneira concisa, assim suas subjetividades são moldadas de acordo com pequenas ações que são realizadas determinando escolhas que podem lhes dar o mínimo de liberdade, mas não uma liberdade total. O relacionamento conturbado e nada sincero com seus parceiros é outro ponto visível nos livros.

Ao entrar no átrio com as flores, Clarissa encontra-se com Sally, que vai a sair. Por um momento - menos de um momento - vê-a como a veria se fossem desconhecidas. Sally é uma mulher pálida, de cabelo grisalho e rosto severo, impaciente, com menos cinco quilogramas do que deveria ter. (CUNNINGHAM, p. 50, 1998)

[...]para ser plenamente sincera, então, como Clarissa tinha feito aquilo? – se casado com Richard Dalloway? Um esportista que só gostava de cachorros. Literalmente, quando entrava na sala cheirava a estábulo. E agora tudo isso? (WOOLF, p. 105. 2014)

O contexto no qual Mrs Dalloway e Mrs Vaughan viviam, mesmo que separadas por 70 anos, ditam normas para que estas mulheres se sentissem pertencentes a sociedade e que passassem a imagem de mulheres ideais deixando assim de ser mulheres reais lidando com seus embates internos, suas escolhas, emoções e subjetividades.

Conclusão

Comparar duas personagens similares de obras escritas por dois escritores não apenas de épocas distintas, mas também de sexos distintos nos mostra como as subjetividades e ações das mulheres são vistas. Mrs Dalloway é uma mulher de classe alta e que vive presa aos dogmas da sociedade londrina da década de 1920; Mrs Vaughan é uma produtora de uma grande revista de Nova Iorque que vive todas as inseguranças de ser uma mulher homossexual, mãe e ser bem-sucedida no mercado de trabalho. Assim, mesmo uma sendo lida como a reatualização da outra, os dilemas morais impostos pela sociedade são sentidos por ambas as personagens.

O contraste entre as obras de Virginia Woolf e Michael Cunningham comprova como as mulheres moldam suas autonomias, independente da época em que se encontram, de forma a criarem maneiras de terem uma liberdade em suas ações, mesmo que ainda limitadas pelos ditames sociais. Desta forma, retomando os objetivos e discussão desta pesquisa, podemos concluir que a autonomia da mulher está diretamente ligada a seus contextos sócios históricos e culturais, bem como suas vertentes. Além disso, como são romances marcados por badalar de relógio e flashbacks da vida das personagens, pode-se afirmar que o tempo é um dos componentes que servem de análise para as condutas realizadas em âmbitos públicos e privados e como estes afetam diretamente a moralidade e a dicotomia entre comunicação e privacidade da vida de ambas as personagens.

No caso das protagonistas analisadas, a insegurança, as discussões internas e a maneira como devem se apresentar socialmente, bem como suas relações matrimônios e com a maternidade, nos mostra como cada ação realizada por elas é pensada minuciosamente de maneira a não deixarem que suas imagens sejam afetadas mediante a sociedade. Além disso, a construção destes romances e a inauguração, por Virginia Woolf, do romance de fluxo de pensamento, demonstra como o acesso não apenas ao tempo cronológico, mas também ao tempo psicológico das personagens dão brechas ao leitor para perceber como a construção destas mulheres ao longo de suas vidas as influenciou na formação de uma personalidade que não as permite serem realmente livres para realizarem todas as ações e desejos que querem.

Mrs Dalloway e Mrs Vaughan surgem para nos mostrar como por mais que as personagens lutem por uma autonomia, ainda se encontram moldadas por uma sociedade sexista. Percebe-se que, mesmo com a diferença setenta anos entre a escrita e publicação das obras analisadas, a sociedade patriarcal ainda subjuga as mulheres a determinados papéis sociais mantendo-as à margem da sociedade. Desta forma, as lutas em prol dos direitos das mulheres, bem como o próprio movimento feminista, se fazem necessário para garantir a autonomia das mulheres na sociedade.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades**: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013. (ebook)

CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Porto: Público Comunicação Social S.A., 1998

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. de. (org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 121-156.

DUARTE, Maria de Deus. **A Story With a Twist**: Cunningham responde a Woolf – Mrs Dalloway e The Hours. Parte II. 141 – 154, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4225.pdf> Acesso em: 03/05/2018, às 17:45.

GOLDMAN, Jane. **The Cambridge introduction to Virginia Woolf**. Cambridge University Press The Edinburgh Building, UK. 2006

PETTERLE, Andiará. O tempo das horas-um ensaio sobre o tempo nas narrativas de Mrs.Dalloway e de As horas. **Caligrama** (São Paulo. Online), v. 1, n. 3, 2005. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56680>. Acesso em: 03/05/2018, às 18:03.

SILVA, Carlos Augusto Viana da. **Mrs. Dalloway e a reescritura de Virginia Woolf na literatura e no cinema**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11212/1/Tese%20Carlos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 03/05/2018, às 17:20.

WOOLF, Virginia. **Mrs Dalloway**. Tradução Mário Quintana; Apresentação Marília Gabriella. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.